

OS TERMOS SINTÁTICOS PROFUNDOS EM JOSÉ REBOUÇAS MACAMBIRA

José Américo Bezerra Saraiva

Em seu livro *Estrutura do Vernáculo*, o professor José Rebouças Macambira dedica um capítulo ao que chama **sujeito e objeto profundos**, para explicar a estrutura de alguns enunciados encontrados em Língua Portuguesa.

Para tanto, parte ele de dois pressupostos que acabam por estabelecer as balizas sobre as quais constrói toda sua argumentação, a saber: a) a definição de sujeito como termo subordinante e nunca subordinado e b) a função subordinadora da preposição.

Assim, em:

(1) Ainda existem *destes homens*.

ter-se-ia de considerar a existência de um sujeito preposicionado (*destes homens*) ou, no caso do autor que não o admite, encontrar uma explicação estrutural que justifique a construção. Para explicá-la, Macambira recorre à noção de estrutura profunda (EP), em moldes diferentes do de Chomsky (1965)¹, postulando como sujeito profundo o pronome indefinido *alguns*, que rege o adjunto adnominal *destes homens*. Haveria, assim, na realização superficial, apenas o adjunto adnominal do pronome que está na instância profunda e que é supresso por uma regra de apagamento na transformação desta última estrutura naquela.

Em defesa desta interpretação, o professor recorre a argumentos de ordem diacrônica e apresenta-nos a hipótese de José Joaquim Nunes, segundo a qual 'processos existentes em várias línguas românicas levam-nos a supor que o latim vulgar, suprimido o termo indicador de posse, ficou apenas com o genitivo, que foi substituído pelo ablativo acompanhado da preposição *de*'.

Desta forma, ter-se-ia ao lado de:

(2) 'Da mihi aliquid panis' = dê-me um pouco de pão, a expressão:

(3) 'Da mihi de pane' = dê-me do pão,

da qual se originaram: a construção francesa '*donnez-moi du pain*', a italiana '*datemi del pane*' e a portuguesa 'dê-me do pão'. Esta interpretação seria, pois, aplicável não só ao objeto direto profundo, mas ainda ao sujeito e predicativo profundos.

Afasta, ainda, o professor a possibilidade de se encerrar a referida construção como transformação de *ainda existem homens destes*, porque a julga insatisfatória, já que esta interpretação não daria conta de construções análogas como *falta de tudo* e *não se vê disto*.

Como se pode ver, os pressupostos básicos apresentados pelo autor logo no início do capítulo, são, desta forma, salvaguardados. Uma estrutura de superfície como:

(4) Foram deles a cavalo e deles a pé.

seria interpretada como gerada a partir da estrutura profunda:

(5) Foram alguns deles a cavalo e alguns deles a pé.

em que se verifica a presença do partitivo (*alguns* - pronome indefinido) que seria suprimido na estrutura de superfície, dando-nos a falsa impressão de o sujeito vir preposicionado. Com efeito, é o adjunto adnominal do partitivo supresso o termo que está preposicionado na instância superficial.

Seguindo tal método de análise, o professor Macambira propõe, ao lado do sujeito pronominal profundo (v. g. : pronome indefinido), o sujeito nominal profundo. Assim a estrutura de superfície:

(6) De quatro a cinco mil pessoas foram assassinadas.

seria gerada a partir da seguinte estrutura profunda:

(7) Um número de quatro a cinco mil pessoas foram assassinadas.

em que *um número* seria o sujeito profundo, *de quatro* seria adjunto adnominal de *um número* e *de cinco mil pessoas*, adjunto adnominal do adjunto *de quatro*.

No entanto, interpreta diversamente a construção análoga:

(8) Falta desde água até coleta de lixo.

cujo sujeito profundo sugerido é o substantivo *assistência*, que regeria os dois adjuntos adnominais *desde água* e *até coleta de lixo*, coordenados entre si.

Percebe-se que, embora essas duas construções tenham estruturas semelhantes, são analisadas diferentemente.

Por isso, a nosso ver, outro tipo de análise homogeneizaria as interpretações destas duas últimas construções. Basta considerar-se a existência de preposições *correlativas* (desde... a, de... a, de... até), que já não teriam como função precípua a subordinação de um termo a outro, senão a correlação de dois termos.

Assim, haveria ao lado de construções como:

(9) Falta água e coleta de lixo.

e

(10) Falta *tanto* água *como* coleta de lixo.

construções do tipo (8).

É, pois, com base nestas evidências estruturais que cremos ser possível considerar-se a existência de preposições de valor 'correlativo', as quais atenderiam a certas nuances de significação. Na construção (8), a preposição 'correlativa' (desde... até) não seria elemento subordinador mas correlativo, que viria atender à intenção do falante de referir-se à falta de água, à falta de coleta de lixo e à falta de tudo mais que possa estar compreendido entre esses termos. E este escopo não seria alcançado através do emprego das conjunções aditivas correlativas (tanto... como) nem através de outro expediente.

Coisa semelhante poder-se-ia dizer a respeito da construção:

(11) De quatro a cinco mil pessoas foram assassinadas. em que a preposição 'correlativa' (de... a) denota a não-segurança do falante referentemente ao número exato de pessoas assassinadas. Este número pode corresponder a qualquer inteiro compreendido entre os dois extremos, inclusive a um deles.

Deve-se ainda considerar se o termo apagado na estrutura de superfície, de fato, rege os adjuntos adnominais, eliminando, desta forma, o sujeito supostamente preposicionado. Em (8), parece-nos que o termo *assistência*, sugerido como sujeito profundo por Macambira, poderia localizar-se entre a preposição e o substantivo subsequente; logo, teríamos:

(12) Falta desde assistência de água até assistência de coleta de lixo.

em que o problema do sujeito preposicionado ainda não estaria solucionado. Todavia, se passarmos a admitir a existência de preposições 'correlativas', esta complicação seria evitada.

São essas as razões que nos levam a admitir a possibilidade da existência dos sujeitos profundos pronominais (e, por extensão, predicativos e objetos diretos pronominais) nos termos defendidos pelo professor Macambira, uma vez que se tem sempre como sujeito profundo, nestes casos, um termo partitivo. Todavia, preferimos lançar a hipótese das preposições 'correlativas' a considerar a existência de sujeitos profundos nominais, conforme defende Macambira.

Fica, então, a sugestão de repensar o caso dos sujeitos, objetos e predicativos profundos. Por último cabe colocar em xeque a noção de sujeito como termo subordinante, tendo em vista aspectos que, embora assinalados aqui no final do artigo, são de suma importância, a saber: a) o sujeito pode faltar e o predicado não; isso demonstra a importância do predicado na estrutura frasal; b) quando oracional, o sujeito passa a termo subordinado, o que é um contra-senso.

O próprio Macambira, quando define o complemento nominal, dá-nos como uma das provas a subjetivação, o que pressupõe ser o sujeito um complemento, conforme se verifica em Estrutura Morfo-sintática do Português. Ora, isto contraria os pressupostos estabelecidos no capítulo 'Termos Subordinantes e Termos Subordinados', inserto na mesma obra.

Vê-se, pelo exposto, que o assunto ora em tela merece maior reflexão, pois são muitas as perspectivas nas quais pode ser considerado. Essa reflexão será escopo de um trabalho posterior, de maior fôlego. No momento, esperamos estar contribuindo para o fomento dos estudos de problemas a serem resolvidos na descrição do Vernáculo.

NOTAS

(1) A noção se prende ao processo de apagamento e não tem a generalidade e a abstração da estrutura profunda (EP) chomskyana, mesmo porque a EP em Macambira é muito próxima da superfície. Trata-se de uma noção *ad hoc* para resolver problemas de itens que sejam apagados na superfície (Aspectos da Teoria da Sintaxe).

(2) Sugerimos a designação de preposição 'correlativa' tomando como base as conjunções correlativas. Sabemos, entretanto, que não há consenso entre os gramáticos com relação a estas. Luft (1987:143-144) refere-se à sua existência, embora a NGB não as reconheça sob o nome de 'correlativas'. Melo (1978:110) é outro que endossa este ponto de vista. O próprio Macambira (1982:67-79) não nos fala desta classe de conjunções, e como a NGB, prefere enquadrá-las nos tipos de conjunções já existentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Arménio Ama-1978.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 1987, p. 143-4.
- MACAMBIRA, José Rebouças. *Estrutura morfo-sintática do português*. São Paulo: Pioneira, 1982, p. 67-79.
- _____. *Estrutura do vernáculo*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986, p. 143-73.
- MELO, Gladstones Chave de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978, p. 110.